

EPÍSTOLA ENCÍCLICA
AETERNI PATRIS (DA PÁTRIA ETERNA)
DO SUMO PONTÍFICE
LEÃO XIII
SOBRE A RESTAURAÇÃO
DA FILOSOFIA CRISTÃ
CONFORME A DOCTRINA
DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Tradutores: Maria Lucia da Fonseca.
Licenciada em Letras (literatura
Inglesa e Americana) e pós-
graduada em Teoria da Literatura
pela UERJ, hoje reside nos EUA com
seu esposo e Filho.

E-mail: rwbrasil2001@yahoo.com.br

Sávio Laet de Barros Campos.

Licenciado e Bacharel em Filosofia
Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

E-mail: saviolaet@yahoo.com.br

Revisão do Português: Darci
Mazarelo de Barros Campos.
Licenciada em Letras pela UFMT, é
hoje professora aposentada depois
de uma vida inteira dedicada ao
magistério.

*Aos patriarcas, primazes, arcebispos e
bispos do mundo católico em graça e comunhão
com a Sé Apostólica*

*Veneráveis Irmãos
Saudações e minha Bênção Apostólica*

O Filho Unigênito do Pai Eterno, que apareceu sobre a terra para trazer ao gênero humano a salvação e a luz da sabedoria divina, assegurou, certamente, um grande e admirável benefício ao mundo quando, havendo de subir novamente aos céus, mandou aos apóstolos

que fossem a “ensinar todas as gentes”¹, deixando a Igreja por ele fundada, como única e suprema mestra dos povos. Os homens, a quem a verdade havia libertado, deviam ser conservados na verdade; nem os frutos da celestial doutrina haveriam de durar muito tempo nos homens que haviam recuperado a saúde, se Cristo Nosso Senhor não houvesse constituído um magistério perene a instruí-los no entendimento da fé. Por isso a Igreja, ora animada com as promessas do seu divino autor, ora imitando sua caridade, cumpre seus preceitos tendo sempre em mira, como seu principal desejo, ensinar a religião e lutar perpetuamente contra os erros. A este propósito tendem os trabalhos diligentes de cada um dos Bispos, a tal propósito servem também os decretos promulgados pelos Concílios, em especial a doutrina salutar dos Romanos Pontífices aos quais, como sucessores do primado do bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos, cabem o direito e a obrigação de ensinar e confirmar os seus irmãos na fé. Pois, segundo o aviso do Apóstolo, “por vãs e enganosas especulações da filosofia”², podem ser enganadas as mentes dos fiéis cristãos e corrompida a sinceridade da fé dos homens. Os supremos Pastores da Igreja sempre julgaram ser também pertinente à sua missão promover com todas as forças as ciências que merecem esse nome e a um só tempo zelar, com singular vigilância, para que as ciências humanas fossem ensinadas por toda a parte segundo a regra da fé católica, em especial a filosofia da qual, sem dúvida, depende em grande parte o reto ensinamento das demais ciências. Nós, venerados irmãos, já vos advertimos brevemente, entre outras coisas, isto mesmo, quando pela primeira vez nos dirigimos a vós outros pelas cartas Encíclicas; contudo, agora, quer pela gravidade do assunto quer pela condição dos tempos, nos vemos compelidos pela segunda vez a tratar convosco de estabelecer para os estudos filosóficos que não só correspondam perfeitamente ao bem da fé, mas que também se conformem com a dignidade das ciências humanas.

Se alguém fixar sua atenção nas lutas encarniçadas desses dias e procurar uma razão para os problemas que assolam a vida pública e privada, deverá, sem dúvida, chegar à conclusão de que uma causa frutífera dos males que agora nos afligem, assim como daqueles que tememos, está no seguinte: as falsas conclusões no que concernem às coisas divinas e humanas, que se originaram nas escolas de filosofia, se

¹Mt 28, 19.

²Col 2,18.

adentraram agora por todas as esferas do Estado e foram aceitas pelo consenso das massas. Pois, sendo da própria natureza do homem seguir, em seus atos, o que lhe indica a razão, se o intelecto peca a vontade logo o seguirá e assim ocorre que opiniões falsas, cuja sede seja o entendimento, influenciem as ações humanas e as perverta. Enquanto, por outro lado, se os homens forem sensatos e tomarem uma atitude a favor de princípios sólidos e verdadeiros, isso resultará em grandes benefícios para o bem público e privado. Certamente não atribuímos tal força e autoridade à filosofia humana, a ponto de crermos ser ela suficiente para rechaçar e arrancar todos os erros; pois, assim como, primeiramente fora instituída a religião cristã para que o mundo todo fosse restituído à sua dignidade primitiva, mediante a luz admirável da fé, “não com as persuasivas palavras da sabedoria humana, mas sim com a manifestação do Espírito e da virtude”³, assim também agora devemos esperar principalmente do poder onipotente de Deus e de seu auxílio que as mentes dos homens, dissipadas das trevas dos erros, se voltem para a verdade. Contudo, não podemos depreciar nem negligenciar os auxílios naturais que, por benefício da divina sabedoria a qual dispõe, forte e suavemente, todas as coisas, estejam à disposição do gênero humano, dentre tais auxílios consta ser o principal o reto uso da filosofia. Pois, não é em vão que imprimiu Deus na mente humana a luz da razão e esta, longe de apagar ou diminuir a inaudita luz da fé, a aperfeiçoa, completando suas forças e tornando-a mais hábil para maiores empresas.

Desta forma, a própria Divina Providência requer que, ao se chamar o povo de volta aos caminhos da fé e da salvação, dever-se-ia tirar vantagem também da ciência humana – prática esta sábia e aprovada que a história atesta ter sido observada pelos mais ilustres Pais da Igreja. Eles, de fato, não descartavam nem subestimavam a parte que cabia à razão, conforme está resumido pelo grande Agostinho quando se refere a esta ciência “pela qual a fé mais íntegra é gerada, nutrida, defendida e fortalecida”⁴.

Em primeiro lugar, a filosofia, se empregada devidamente pelos sábios, pode, por certo aplainar e facilitar, de algum modo, o caminho para a verdadeira fé e preparar convenientemente os ânimos de seus alunos para receber a Revelação; pelo que, não sem justiça, foi algumas

³I Co 2, 4

⁴*De Trinitate*, 14, 1, 3 (PL 42, 1037), citada por Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, 1, 1,

vezes chamada pelos antigos, “ora de um degrau para a fé Cristã”⁵, “ora, de prelúdio e auxílio do cristianismo”⁶, “ora, de mestra do Evangelho”⁷. Na verdade, nosso benevolentíssimo Deus, no que toca às coisas divinas não nos manifestou somente aquelas verdades para cujo conhecimento é insuficiente a inteligência humana, mas também nos manifestou algumas, não de todo inacessíveis à razão para que, sobrevindas da autoridade de Deus, nos chegassem a tal ponto isenta de erros, e ficassem a todos manifestas. Daí que, os mesmos sábios, iluminados tão somente pela luz natural da razão hajam conhecido, demonstrado e defendido com argumentos convenientes algumas verdades que, ao se proporem como objeto da fé divina, estão unidas por estreitos laços com a doutrina da fé. “Sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas”⁸ e “Quanto aos gentios, não tendo lei (...) eles mostram a obra da lei gravada em seus corações (...)”⁹. É, pois, sumamente oportuno que estas verdades, ao serem reconhecidas pelos mesmos sábios pagãos, se convertam em proveito e utilidade da doutrina revelada para que, com efeito, se manifeste que também a sabedoria humana e mesmo o testemunho dos adversários favorecem a fé cristã. Esse modo de obrar não é recente, mas sim antigo, já que foi usado muitas vezes pelos Santos Padres. Há mais: estas veneráveis testemunhas e guardiões das tradições religiosas reconhecem certa forma e figura disto na ação dos hebreus que, ao saírem do Egito, receberam o mandato de levar com eles os vasos de ouro e prata dos egípcios para que, precisando repentinamente do seu uso, fosse posto ao serviço da religião do Deus verdadeiro o que antes havia servido para ritos ignominiosos e para a superstição. Gregório Neocesarense¹⁰ elogiou a Orígenes, porque este converteu com admirável destreza muitos conhecimentos tomados engenhosamente das máximas dos infiéis, como dardos arrebatados dos inimigos, pondo-os em defesa da filosofia cristã e em prejuízo da superstição. E tanto Gregório Nazianzeno¹¹ quanto Gregório Niceno¹² louvam e recomendam um modo semelhante de

⁵Clemente de Alexandria, *Stromata*, 1, 16 (PG 8, 795); 7, 3 (PG 9, 426).

⁶Orígenes, *Epistola ad Gregorium* (PG 11, 87-91).

⁷Clemente de Alexandria, *Stromata*, 1, 5 (PG 8, 718-719).

⁸Rm 1, 20.

⁹Rm 2, 14-15.

¹⁰Gregório de Niceno (também chamado de Gregório o Taumaturgo). em *Origenem oratio panegyrica*, 6 (PG 10, 1093 A).

¹¹Car., 1, Iamb. 3 (PG 37. 1045 A-1047 A).

¹²*Vita Moysis* (PG 44, 359).

disputa usado por Basílio Magno, enquanto Jerônimo¹³ lhe recomenda grandemente em Cutrato, discípulo dos Apóstolos, em Aristides, Justino, Ireneu e muitos outros. E Agostinho diz: “Não vemos com quanto ouro e prata e com que vestidos saiu carregado do Egito Cipriano, doutor mui suave e mártir beatíssimo? Assim também Lactâncio, Vitorino, Optato e Hilário? E para não falar dos vivos, quantos gregos também não fizeram o mesmo?”¹⁴. Mas se a razão natural dera tão ótima semente de doutrina antes de ser fecundada pelo poder de Cristo, bem mais abundante a produzira, certamente, depois que a graça do Salvador restaurou e enriqueceu as faculdades naturais da mente humana. E quem não vê que com este modo de filosofar se abre um caminho plano e fácil para a fé?

Não se circunscreve, porém, dentro destes limites a utilidade que provém daquela maneira de filosofar. São realmente as páginas da divina sabedoria que repreendem gravemente aqueles homens que “partindo dos bens visíveis, não foram capazes de conhecer Aquele que é nem, considerando as obras, de reconhecer o Artífice.”¹⁵ Assim, em primeiro lugar, o grande e excelentíssimo fruto que se recolhe da razão humana está em demonstrar que há um Deus: “pois a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor.”¹⁶ Depois demonstra (a razão) que Deus se sobressai singularmente pela reunião de todas as perfeições, primeiro por sua infinita sabedoria, da qual jamais pode ocultar-se coisa alguma e por sua suma justiça a qual nunca pode se deixar vencer por nenhum afeto perverso; porque o mesmo Deus não é só veraz, mas também a própria verdade, incapaz de enganar e enganar-se. Disso claramente se segue que a razão humana encontra a plenitude da fé e da autoridade unidas na palavra de Deus. Igualmente a razão declara que a doutrina do Evangelho brilhou desde a sua origem por certos prodígios com argumentos sólidos da verdade e que, portanto, todos os homens que crêem no Evangelho não crêem temerariamente, como se seguissem fábulas¹⁷, mas que, com o obséquio racional, sujeitam a sua inteligência e o seu juízo à divina autoridade. Entenda-se que não é de menor apreço que a razão ponha manifesto que a Igreja instituída por Cristo, como estabeleceu o Concílio Vaticano, “por sua admirável

¹³*Epistola ad Magnum*, 4 (PL 22, 667). Quadrato e Justino Ireneu estão entre os antigos apologistas cristãos que devotaram seus esforços à defesa da verdade cristã contra os pagãos.

¹⁴*De doctrina christiana*, 1, 2, 40 (PL 34, 63).

¹⁵Sb 13, 1.

¹⁶Sb 13, 5.

¹⁷2 Pe 1, 6.

propagação, exímia santidade e inesgotável fecundidade em todas as religiões; pela unidade católica e invencível estabilidade é um grande e perene motivo de credibilidade e testemunho irrevogável de sua divina missão.”¹⁸

Postos assim estes solidíssimos fundamentos, todavia se requer um uso perpétuo e múltiplo da filosofia para que a sagrada teologia tome e se revista da natureza, hábito e índole de uma verdadeira ciência. Pois nela, a mais nobre das ciências, é grandemente necessário que as muitas e diversas partes das celestiais doutrinas se reúnam como em um só corpo, para que cada uma delas, convenientemente disposta em seu lugar e deduzida de seus próprios princípios, esteja relacionada com as demais por uma conexão oportuna; por último, que todas e cada uma delas se fortaleçam por seus próprios e invencíveis argumentos. Nem se há de passar em branco ou por pouca estima aquele mais diligente e abundante conhecimento das coisas que dos mesmos mistérios da fé, Agostinho e outros santos Padres desejaram e procuraram conseguir. O mesmo Concílio Vaticano¹⁹ julgou muito frutuoso este conhecimento. Certamente conseguirão mais perfeita e facilmente este conhecimento e esta compreensão aqueles cuja integridade de vida e o amor à fé se unam a uma mente adornada com as ciências filosóficas, pois o mesmo Concílio Vaticano ensina que o conhecimento de tais dogmas sagrados devem ser tomados “tanto na analogia das coisas que são conhecidas naturalmente quanto no enlace daqueles mistérios entre si e com o fim último do homem”²⁰.

Por último, pertence às ciências filosóficas, defender religiosamente as verdades ensinadas pela revelação e resistir aos que se atrevam a impugná-las. A grande virtude da filosofia está em ser baluarte da fé e defensora da religião. Como atesta Clemente Alexandrino “é por si mesma perfeita a doutrina do Salvador e de ninguém necessita, sendo a própria sabedoria de Deus. A filosofia grega, que a ela se une, não é mais poderosa que a verdade; contudo, quando mostra a debilidade dos argumentos sofisticos contra aquela e rechaça as enganosas assertivas contra a mesma é chamada, oportunamente de cerca e barreira da vinha”²¹. Certamente, assim como os inimigos dos cristãos, para pelegarem contra a religião, muitas vezes tomam as razões filosóficas

¹⁸Constituição Dogmática, de Fid. Cath., c.3.

¹⁹Const. Cit., c.4.

²⁰Loc. Cit.

²¹*Stromata*, 1, 20 (PG 8, 818).

como seus instrumentos bélicos; assim os defensores das ciências divinas tomam do arsenal da filosofia muitas coisas com que podem defender os dogmas revelados. Nem se há de julgar que obtenha pequeno triunfo a fé cristã, quando as armas dos adversários, preparadas pela razão humana para causar dano, são rechaçadas poderosa e prontamente pela mesma razão humana. Esta espécie de combate religioso foi usado pelo mesmo Apóstolo das gentes, como recorda São Jerônimo, escrevendo a Magno: “Paulo, capitão do exército cristão, era orador invicto, defendendo a causa de Cristo, se valeu com arte de uma inscrição fortuita para defender a fé; havia aprendido com o verdadeiro Davi a arrancar a espada das mãos dos inimigos e a cortar a cabeça do soberbo Golias com sua espada”²². A mesma Igreja não somente aconselha, mas também manda que os doutores católicos peçam este mesmo auxílio à filosofia. Pois o Concílio Lateranense V, depois de estabelecer que “toda asserção contrária à verdade da fé revelada é completamente falsa porque a verdade jamais se opõe à verdade”²³, manda aos Doutores da filosofia que se ocupem diligentemente de resolver os enganosos argumentos pois, como atesta Agostinho, “se a razão é usada contra a autoridade da Sagrada Escritura, não importa o quanto possa parecer ilusório, erra em sua semelhança com a verdade, pois não pode ser verdadeira”²⁴.

Mas para que a filosofia seja capaz de produzir os preciosos frutos que temos recebido é de todo necessário que jamais se aparte daqueles trâmites que seguiu a veneranda antigüidade dos Padres e aprovou o Sínodo Vaticano com um solene sufrágio de autoridade. Está claramente averiguado que se há de aceitar muitas verdades de ordem sobrenatural que superam de muito até mesmo o mais elevado dos intelectos. A razão humana, conhecedora de sua própria debilidade, não deve se atrever a aceitar coisas superiores a ela (a verdade revelada), nem negar as mesmas verdades, nem medi-las com a sua própria capacidade, nem interpretá-las a seu modo; antes, deve recebê-las com plena e humilde fé e ter como honra altíssima ser-lhe permitido, por benefício de Deus, servir como escrava e servidora às doutrinas celestiais e, de algum modo, ter chegado a conhecê-las. Em todas essas doutrinas principais que a inteligência humana não pode receber naturalmente, é muito justo que a filosofia use de seu método, de seus princípios e argumentos;

²²Epistola ad Magnum, 2 (PL 22, 666).

²³Bula *Apostolici regiminis*.

²⁴Epistola 147, *ad Marcellinum*, 7 (PL 33, 589).

contudo, não de tal maneira que pareça querer suprimir a divina autoridade. Antes, constatando que as coisas conhecidas por revelação gozam de uma veracidade indiscutível e que as que se opõem à fé também repugnam a reta razão, deve ter presente o filósofo católico que violará de vez os decretos da fé e da razão, se abraçar algum princípio que ele saiba que repugna a doutrina revelada.

Sabemos muito bem que não faltam aqueles que, fazendo mau uso das justas faculdades da natureza humana, defendem que a inteligência do homem, uma vez submetida à autoridade divina, cai de sua natural dignidade, está presa e como que impedida de chegar ao cume da verdade e da excelência. Tais doutrinas estão repletas de erros e de falácias e só tendem a induzir homens, tolos e ingratos, a repudiarem prontamente as mais sublimes verdades e a rejeitarem o dom divino da fé do qual fluem para a sociedade civil todas as fontes do bem. Pois, andando encerrada a mente humana em certos limites muito estreitos, está sujeita a muitos erros e ignora muitas coisas. Pelo contrário, a fé cristã, apoiada na autoridade de Deus, é mestra infalível da verdade, seguindo-a ninguém cai nos laços dos erros e nem é ser agitado pela incerteza das opiniões. Pelo que, os que unem os estudos da filosofia com a obediência à fé cristã, raciocinam perfeitamente, supondo que o esplendor das verdades divinas, recebido pela alma, auxilia a inteligência e não lhe tira em nada sua dignidade, antes a reveste de muita nobreza, penetração e energia. E quando dirigem a perspicácia de seu gênio a rechaçar as sentenças que repugnam a fé cristã e a aprovar as que concordam com esta, exercitam de forma digna e muito útil a razão: pois, em primeiro lugar, descobrem as causas do erro e conhecem o vício dos argumentos e, por último, possuem as razões com as quais se demonstra solidamente a verdade e se persuade a todo homem prudente sobre a verdade das ditas sentenças. E quem nega que com essa indústria e exercício se aumentam as riquezas da mente e se desenrolam suas faculdades, é necessário que, absurdamente, pretenda também dizer que não nos conduz ao aperfeiçoamento do gênio a distinção do verdadeiro e do falso. Com razão o Concílio Vaticano recorda com essas palavras o benefício que a fé presta à razão: “a fé livra e defende a razão dos erros e a instrui em muitos conhecimentos”²⁵. E, por conseguinte, se o homem entendesse, não deveria culpar a fé de ser inimiga da razão; antes, deveria dar graças a Deus e alegrar-se veementemente de que, entre as muitas causas de ignorância e, em meio às ondas dos erros, se ache iluminado

²⁵Const. Dogm. De Fid. Cath., c.4.

por aquela fé santíssima que, como estrela amiga, o conduz ao porto da verdade excluindo todo temor de errar.

Porque, venerados irmãos, se dirigirem os olhos para a história da filosofia, compreenderéis que todas as coisas que há pouco dissemos são provadas pela experiência. E certamente os antigos filósofos, que careciam do dom da fé, e ainda que assim sejam considerados tão sábios, cometeram inúmeros erros clamorosos. Sabeis o quão frequentemente entre algumas verdades eles ensinaram coisas falsas e duvidosas; que opiniões vagas e dúbias eles tinham no que concerne à natureza da Divindade, à causa e ao princípio das coisas, ao governo do mundo, ao conhecimento divino das coisas futuras, à causa e princípio do mal, ao fim último do homem, à eterna bem-aventurança, às virtudes e aos vícios e a outras doutrinas cujo verdadeiro e certo conhecimento é a coisa mais necessária ao gênero humano. Pelo contrário, os primeiros Padres e Doutores da Igreja que haviam entendido muito bem que, por decreto da divina vontade, o restaurador da ciência humana era também Jesus Cristo, que é a virtude de Deus e a sua sabedoria²⁶, “no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria”²⁷, trataram de investigar os livros dos antigos sábios e de comparar as suas sentenças com as da doutrina revelada e, com prudente eleição, abraçaram as que viram ser corretamente ditas e sabiamente pensadas, emendando ou rechaçando, contudo, as demais. Pois, assim como Deus, infinitamente pródigo, suscitou para a defesa da Igreja grandes mártires, homens de vida grandiosa, contra a crueldade dos tiranos; assim aos falsos filósofos e hereges opôs varões grandíssimos em sabedoria, que defenderam, com o apoio da razão, o depósito das verdades reveladas. E assim, desde os primeiros dias da Igreja, a doutrina católica teve uma multidão de adversários dos mais hostis que, burlando os dogmas e as instituições dos cristãos, sustentaram que havia muitos deuses, que a matéria do mundo carecia de princípio e de causa, e que o curso das coisas se conservava mediante uma necessidade cega e fatal não dirigida pela vontade da Divina Providência.

Com esses mestres de disparatada doutrina, disputaram, oportunamente, aqueles sábios que chamamos de Apologistas que, prescindido da fé, usaram também os argumentos da sabedoria humana com os quais provaram que deve ser adorado um só Deus, excelentíssimo em todo gênero de perfeição; que todas as coisas foram criadas do nada

²⁶ 1Cor 1,24.

²⁷ Col 2,3.

por sua onipotente virtude, subsistem por sua sabedoria e cada uma se move e se dirige para o seu próprio fim. Ocupa o primeiro posto entre estes, São Justino mártir que, depois de haver recorrido às mais célebres academias dos gregos para adquirir experiência e de haver visto claramente, como confessa com sua própria boca, que a verdade somente pode ser alcançada nas doutrinas reveladas, abraçando-as com todo ardor do seu espírito as purgou das calúnias, ante os Imperadores romanos e, em não poucas sentenças dos filósofos gregos, mostrou a conveniência destas com aquelas.

Também Quadrato, Aristides, Hermias e Atenágoras defenderam nobremente a verdade naquele tempo. Nem menos glória conseguiu pelo mesmo motivo Ireneu, mártir invicto e Bispo de Lyon que, refutando intrepidamente as perversas doutrinas dos orientais disseminadas graças aos gnósticos por todo o império romano, “explica, segundo São Jerônimo, os princípios de cada uma das heresias e de que fontes filosóficas emanaram”²⁸. Todos conhecem as disputas de Clemente de Alexandria que o mesmo Jerônimo, para honrá-las, recorda-as assim: “Que há nelas de indouto? Que não há do próprio coração da filosofia?”²⁹. O mesmo tratou, com incrível versatilidade, de muitas coisas utilíssimas para preparar uma filosofia da história, exercitar oportunamente a arte da dialética e mostrar a concórdia entre a razão e a fé. Depois dele veio Orígenes, insigne representante do magistério da Igreja Alexandrina, eruditíssimo na doutrina dos gregos e dos orientais e que deu à luz muitos e eruditos volumes para explicar as sagradas letras e ilustrar os dogmas sagrados; essas obras, mesmo contendo erros, contêm, não obstante, grande quantidade de sentenças com as quais se aumentam as verdades naturais em número e em firmeza. Tertuliano combate os hereges com a autoridade das Sagradas Letras; com os filósofos ele muda de armas e combate a nível filosófico, e convence a todos, de forma tão sutil e erudita, que às claras e com confiança lhes diz: “Nem na ciência e nem na arte somos iguais, como vós imaginais”³⁰. Arnóbio, nos livros publicados contra os pagãos e Lactâncio, especialmente em suas instituições divinas, se esforçam vigorosamente para persuadir os homens, com igual eloquência e galhardia, da verdade e dos preceitos da sabedoria cristã; não destruindo, contudo, a filosofia como costumavam os acadêmicos; antes, convencendo aqueles, em parte

²⁸*Epistola ad Magnum*, 4 (PL 22, 667).

²⁹Loc. cit.

³⁰Tertuliano, *Apologet.*, 46 (PL 1, 573).

com suas próprias armas e, em parte, com as tomadas das lutas dos filósofos entre si.³¹

Mas os escritos sobre as coisas da alma humana, os divinos atributos e outras questões de suma importância que o grande Santo Atanásio e Crisóstomo, príncipe dos oradores, nos legaram são, por consenso, tão excelentes que parece não se poder acrescentar quase nada à sua engenhosidade e riqueza. E para não sermos pesados, enumerando cada um dos apologistas, acrescentamos ao catálogo dos excelsos varões de que se deve fazer menção: Basílio Magno e os Gregórios que, havendo saído de Atenas, empório das letras humanas, totalmente equipados com os armamentos da filosofia, converteram aquelas mesmas ciências que com ardoroso estudo adquiriram, em armas para refutar os hereges e instruir os cristãos.

Porém, a todos arrebatou a glória de Agostinho. Dotado do poderoso gênio e instruído com perfeição nas ciências sagradas e profanas, lutou vigorosamente contra todos os erros do seu tempo com suma fé e não menor doutrina. Que ponto da filosofia não tratou e, ainda mais, qual não pesquisou de forma mui diligente, ora quando propunha aos fiéis os altíssimos mistérios da fé e os defendia contra os furiosos impulsos dos adversários; ou quando reduzia a nada as fábulas dos maniqueus ou acadêmicos e colocava sobre terra firme os fundamentos da ciência humana e sua estabilidade; ora quando indagava a razão da origem e as causas dos males que oprimem o gênero humano? Quanto não discutiu de forma muito sutil a respeito dos anjos, da alma, da mente humana, da vontade e do livre arbítrio, da religião e da vida bem-aventurada e ainda da mesma natureza dos corpos mutáveis? Depois deste tempo, no Oriente, João Damasceno, seguindo as impressões de Basílio e Gregório de Nazianzo e, no Ocidente, Boécio e Anselmo, professando as doutrinas de Agostinho, enriqueceram muitíssimo o patrimônio da filosofia.

Em seguida os Doutores da Idade Média, chamados Escolásticos, começaram uma obra magna: reunir diligentemente as fecundas e abundantes messes de doutrina, espalhadas por todas as volumosas obras dos Santos Padres e, uma vez reunidas, classificá-las e colocá-las em um só lugar para uso e comodidade da posteridade. Qual

³¹Lacância, Div. Inst., 7, 7 (PL 6, 759).

seja a origem, índole e excelência da ciência escolástica. É útil aqui, Venerados irmãos, mostrar mais ricamente com as palavras do sapientíssimo varão, nosso predecessor, Sixto V: “Pelo dom divino Daquela, o único que dá o espírito da ciência, da sabedoria e do entendimento e que enriquece a sua Igreja com novos benefícios, através das eras e segundo reclama a necessidade, e a provê de novos auxílios, fortalecendo-a, com salvaguardas fundadas pelos eminentes doutores da teologia escolástica, os quais a cultivaram e adornaram principalmente os gloriosos Doutores, o angélico Santo Tomás e o seráfico São Boaventura, claríssimos professores desta faculdade (...) com gênio excelente, assíduo estudo, à custa de grandes trabalhos e vigílias legaram à posteridade, dispostas otimamente e explicadas com brilhantismo, de muitas maneiras. E, em verdade, o conhecimento e exercício desta salutar ciência, que fluem das abundantes fontes das sagradas letras, dos Sumos Pontífices, dos Santos Padres e dos Concílios, podem sempre proporcionar grande auxílio à Igreja para entender e interpretar, verdadeira e saudavelmente, as mesmas Escrituras e para ler e explicar, mais segura e utilmente, os Padres e ainda para descobrir e rebater os vários erros e heresias; e nesses últimos dias, nos quais já vivemos os tempos perigosos descritos pelo Apóstolo quando homens blasfemos, orgulhosos, soberbos e sedutores crescem em maldade, errando eles próprios e induzindo os outros a erros, há certamente suma necessidade de que sejam confirmados os dogmas da fé católica e sejam refutadas as heresias”.³²

Palavras como estas, que parecem abraçar somente a teologia escolástica, está claro que devem ser entendidas também quanto à filosofia e suas qualidades. Pois, os preclaros dotes que fizeram a teologia escolástica ser tão temível aos inimigos da verdade, conforme acrescenta o mesmo Pontífice: “Aquela oportuna e enlaçada coerência de causas e efeitos entre si, aquela ordem e disposição como a formação dos soldados em batalha, aquelas definições e distinções claras, aquela firmeza de argumentos e das agudíssimas disputas em que se distinguem a luz das trevas, o verdadeiro do falso, expõem e desnudam as mentiras dos hereges envoltas em nuvens de subterfúgios e falácias”³³; aqueles excelsos e admiráveis dotes, dizemos, somente podem ser encontrados no reto uso daquela filosofia que os mestres escolásticos, de propósito e com sábio conselho, acostumaram-se a usar freqüentemente nas disputas filosóficas.

³²Bula *Triumphantis*, an. 1588.

³³Bula *Triumphantis*, an. 1588.

Ademais, sendo próprio e singular dos teólogos escolásticos o haver unido a ciência humana e divina entre si com o mais estreito dos laços, a teologia, na qual sobressaíram, não teria obtido tantas honras e recomendações de parte dos homens se eles tivessem empregado uma filosofia estropiada, imperfeita ou vã.

Atentai bem: dentre os Doutores Escolásticos brilha grandemente Santo Tomás de Aquino, príncipe e mestre de todos, o qual, como adverte Caetano: “por haver venerado de grande maneira os antigos Doutores sagrados, obteve de algum modo a inteligência de todos”³⁴. Suas doutrinas (a dos Doutores Sagrados), como membros dispersos de um corpo, as reuniu e congregou Tomás, dispondo-as com ordem admirável e de tal modo as aumentou com novos princípios que, com razão e justiça, tem recebido um singular apoio da Igreja Católica; de dócil e penetrante engenho, de memória fácil e tenaz, de vida integralíssima, amante unicamente da verdade, riquíssimo na ciência divina e humana, comparado ao sol, animou o mundo com o calor de suas virtudes e lhe iluminou com esplendor. Não há parte da filosofia que não haja tratado de forma aguda e sólida: tratou das regras do raciocínio, de Deus e das substâncias incorpóreas, do homem e de outras coisas sensíveis, dos atos humanos e de seus princípios, de tal modo que nada deixa a faltar na abundância das questões, nem à oportuna disposição das partes, nem no melhor método de se proceder, nem à firmeza dos princípios e à robustez dos argumentos, nem à claridade e propriedade da linguagem, nem à facilidade de explicar coisas obscuras.

Além disso, o Doutor Angélico indagou as conclusões filosóficas a partir das razões e princípios das coisas que, por conterem em si, devido à sua complexidade, sementes de verdades quase infinitas, deveriam ser desvendadas, a seu tempo, pelos mestres posteriores e com melhores frutos. E, por ter também empregado este método filosófico para refutar o erro, ganhou este título de dignidade para si mesmo: que, sozinho, combateu vitoriosamente os erros dos tempos passados e forneceu armas invencíveis para serem usadas a fim de cortar pela raiz os que possam surgir nos tempos futuros. Ademais, distinguindo muito bem a razão da fé, como é justo, e associando-as, sem embargo e amigavelmente, conservou os direitos de uma e outra, promoveu a sua dignidade de tal sorte que a razão foi elevada a maior altura pelas asas de

³⁴Comentário de Caetano sobre a Summa Teológica, I Ia-I Iae 148, 9. Art. 4; Leonine edit., Vol. 10, p. 174, n.6.

Tomás e quase não pode erguer-se a regiões mais altas, e nem a fé pode esperar da razão auxílios mais poderosos que os conseguidos por Tomás.

Por essas razões os homens sapientíssimos nas idades passadas, e digníssimos de louvores por seu saber teológico e filosófico, depois de dominar com indizível afã os volumes imortais de Tomás, se consagraram não tanto a serem instruídos em sua sabedoria angélica quanto a se nutrirem dela. É sabido que quase todos os fundadores e legisladores de ordens religiosas ordenaram que seus membros estudassem as doutrinas de Santo Tomás e aderissem a elas religiosamente, dispondo que a ninguém fosse lícito impunemente separar-se nem ao mínimo, das veredas de tão grande Mestre. Deixando à parte a família dominicana que, com direito indiscutível, se gloria deste sumo Doutor, estão obrigados a esta lei os Beneditinos, os Carmelitas, os Agostinianos, os Jesuítas e muitas outras ordens sagradas como, nos manifestam, os estatutos de cada uma delas.

Neste momento, com indizível prazer recorda a alma daquelas celebérrimas Academias e escolas que, em outro tempo, floresceram na Europa, a saber: a parisiense, salamanticense, a de Alcalá, a de Douay, a de Tolouse, a de Louvain, a patavina, a bolonhesa, a napolitana, a conimbricense e muitas outras! Ninguém ignora que a fama destas cresceu em certo modo com os tempos e que as sentenças, que as pediam quando se agitavam gravíssimas questões, tinham grande autoridade entre os sábios de toda parte. Pois bem, é coisa fora de dúvida que naqueles grandes empórios do saber humano, como em seu próprio reino, dominou como príncipe Tomás, e que os ânimos de todos, tanto mestres como discípulos, repousaram com admirável concórdia sob o magistério e autoridade do Doutor Angélico.

Além do mais, os Romanos Pontífices, nossos predecessores, honraram a sabedoria de Tomás de Aquino com singulares elogios e mui amplos testemunhos. Pois, Clemente VI na bula “In Ordine” e Nicolau V em sua “carta aos frades da Ordem dos Pregadores”, 1451; Benedito XIII na bula “Pretiosus” e outros nos atestam que a Igreja universal é ilustrada com a sua admirável doutrina; São Pio V confessa que com a mesma doutrina as heresias, confundidas e vencidas, se dissipam, e o mundo todo é libertado cotidianamente; outros, como Clemente XII, na bula “Verbo Dei”, afirmam que de suas doutrinas emanaram para a Igreja Católica mui abundantes bens, e que o mesmo deve ser venerado com aquela honra que se dá aos santos Doutores da Igreja: Gregório, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo; outros, finalmente, não demoraram em

propor às Academias e aos grandes liceus Santo Tomás, como exemplar e mestre, a quem se devia seguir com firme piedade. A respeito parecem-nos muito dignas de serem recordadas as palavras do Bem-aventurado Urbano V à Universidade de Toulouse: “Queremos, e pelas presentes os recomendamos, que adoteis a doutrina do bem-aventurado Tomás, como verídica e católica, e procureis ampliá-las com todas as vossas forças.”³⁵ Seguiram o exemplo de Urbano na Universidade de Lovaina Inocêncio XII, e Benedito XIV, no Colégio Dionisiano dos granadinos. Acrescenta-se a estes juízos dos Sumos Pontífices, sobre Tomás de Aquino, o testemunho de Inocêncio VI, como complemento: “A doutrina deste tem sobre as demais, excetuada a canônica, propriedade nas palavras, ordem nas matérias, verdade nas sentenças, de tal sorte que nunca aqueles que a seguirem se verão apartados do caminho da verdade, e sempre será suspeito de erro aquele que a impugnar”³⁶.

Também os Concílios Ecumênicos, nos quais brilha a flor da sabedoria joeirada em todo universo, sempre tiveram o cuidado de tributar honra singular a Tomás de Aquino. Nos Concílios de Lyon, Viena, Florença e Vaticano, pode-se dizer que Tomás interveio nas deliberações e decretos dos Padres, e quase foi o presidente, pelejando com força inelutável e com faustoso êxito, contra os erros dos gregos, dos hereges e dos racionalistas. Porém, a maior glória própria de Tomás, por uma honra nunca concedida a nenhum dos outros Doutores católicos, consiste em que os Padres tridentinos, para estabelecerem a ordem no mesmo Concílio, quiseram que, juntamente com os livros da Escritura e os decretos dos Sumos Pontífices, se pusesse sobre o altar a Suma de Tomás de Aquino, para que nela buscassem conselhos, argumentos e inspirações.

Finalmente também estava reservada ao incomparável varão obter a palma, honra e admiração até mesmo dos adversários do nome católico. Pois está certificado que não faltaram chefes das facções heréticas que confessassem publicamente que, uma vez quitada como medíocre a doutrina de Tomás de Aquino, “poderiam facilmente entrar em combate com todos os Doutores católicos, vencê-los e derrotar a Igreja”³⁷. Vã esperança, certamente, mas não vão o testemunho.

Por isso, veneráveis irmãos, sempre que consideramos a bondade, a força e as excelentes utilidades de sua ciência filosófica a qual

³⁵Constitutio 5a, data dia 3 agosto de 1368, ad Cancell. Univ. Tolos.

³⁶Sermão de S. Tomás.

³⁷Bucer

nossos Padres tanto amaram, julgamos que agimos temerariamente não conservando sempre e em todas as partes a honra que lhe é devida; constatando especialmente que o uso contínuo, o juízo de grandes homens, e o que é mais importante, o sufrágio da Igreja, favoreciam a filosofia escolástica. E em lugar da antiga doutrina, presenciou-se em várias partes certa nova espécie de filosofia da qual não se reconheceram os frutos desejados e salutares que a Igreja e mesmo a sociedade civil haviam anelado. Aos renovadores do século XVI agradou um filosofar sem respeito alguma à fé, e foi proposta a eles a alternativa de poderem excogitar sobre quaisquer coisas, de acordo com seu próprio deleite. Assim, era natural que os sistemas de filosofia se multiplicassem além das medidas, e nascessem sentenças diversas e contrárias entre si, até mesmo nas coisas principais dos conhecimentos humanos. Da imensa quantidade de sentenças surgiram muito freqüentemente as vacilações e as dúvidas, pois quem não sabe o quão facilmente a mente desliza da dúvida para o erro? Deixando-se arrastarem os homens pelo exemplo, o amor à novidade pareceu também invadir em algumas partes os ânimos dos filósofos católicos, os quais, deixando o patrimônio da sabedoria antiga, preferiram erguer novo edifício, ao invés de fortalecer e completar o anterior, com o auxílio dos novos e mal orientados estudiosos, na verdade não sem detrimento das ciências. Pois, esta multiforme regra de doutrina, dependente da autoridade e do discernimento de qualquer catedrático, tem um fundamento aberto a mudanças e conseqüentemente nos lega uma filosofia nada firme, estável e forte como às de antigamente, mas sim fraca e vacilante. E se, por acaso, ela alguma vez não se encontra à altura dos golpes de seus adversários, deveria reconhecer ser ela mesma a culpada por este estado de coisas. Ao dizer isto não temos a intenção de desacreditar os hábeis e letrados varões que nos trazem sua sabedoria e erudição e, ainda mais, a riqueza de novas descobertas a serviço da filosofia, pois é claro que compreendemos que isso contribui para o desenvolvimento do aprendizado. Mas dever-se-ia ter muito cuidado a fim de que parte ou todo o empenho não seja exaurido nessas buscas e na mera erudição. E o mesmo é verdadeiro para a teologia sagrada que, realmente, pode ser auxiliada e ilustrada por todos os tipos de erudição, embora seja absolutamente necessário que tal aconteça dentro da forma severa dos escolásticos, a fim de que, estando unidas a ela as forças da revelação e da razão, possam continuar a ser “o invencível bastião da verdade”³⁸.

³⁸Sixto V, Bula *Triumphantis*

Por isso, com sábia reflexão, não poucos dos que advogam os estudos filosóficos, ao voltar suas mentes nos últimos tempos à reforma prática da filosofia, tinham e têm por meta restaurar a renomada doutrina de Tomás de Aquino, devolvendo-a ao seu antigo esplendor.

Temos sabido, veneráveis irmãos, que muitos de vossas ordens, com igual desejo, têm entrado com galhardia por esta via, com grande regozijo de nosso ânimo. A estes desejamos ardentemente e exortamos a permanecer naquilo que já começaram; e a todos os demais dentre vós, em particular, desejamos fazer saber que nada nos é mais grato nem mais apetecível senão que todos vós subministrem, copiosa e abundantemente, para a estudiosa juventude, os rios puríssimos da sabedoria que emanam da contínua e riquíssima fonte do Angélico Doutor.

Os motivos que nos movem a querer com grande ardor são muitos. Primeiramente, sendo costume em nossos dias tempestuosos combater a fé com as maquinações e as astúcias de uma falsa sabedoria, todos os jovens e, em especial, os que se educam para a esperança da Igreja, devem ser alimentados por isto mesmo com o poderoso e robusto pacto de doutrina para que, potentes com suas forças, e equipados com suficientes armamentos, se acostumem com o tempo a defender, forte e sabiamente, a causa da religião, dispostos sempre, segundo os conselhos evangélicos, “a satisfazer a todo aquele que os pergunte sobre a razão daquela esperança que temos”³⁹ e “a exortar com a sã doutrina e argüir aos que a contradizem”⁴⁰. Ademais, muitos dos homens que, apartando seu espírito da fé, aborrecem os ensinamentos católicos, dizendo que para eles só a razão é mestra e guia. E para sanar a estes e fazê-los voltar à fé católica, além do auxílio sobrenatural de Deus, julgamos que nada é mais oportuno que a sólida doutrina dos Padres e dos escolásticos, os quais demonstram, com tanta evidência e energia os firmíssimos fundamentos da fé, sua origem divina, sua infalível verdade, os argumentos com que se sustentam os benefícios que ela (a fé) tem prestado ao gênero humano e sua perfeita harmonia com a razão, de maneira a satisfazer completamente as mentes que, mesmo a contragosto e oferecendo oposição, estejam abertas à persuasão.

A própria sociedade civil e doméstica, que se encontra em grande perigo como todos sabemos, por causa da peste dominante e das opiniões perversas, certamente viveria mais tranqüila e segura se, nas Academias e nas escolas, se ensinasse doutrina mais sã e mais em

³⁹I Pe 3, 15.

⁴⁰Tit 1, 9.

conformidade com o Magistério do ensinamento da Igreja, tal como o contêm as obras de Tomás de Aquino. A respeito da genuína noção de liberdade, que agora se degenera em licenciosidade, a origem divina de toda autoridade, as leis e a sua força, o paternal e eqüitativo império dos Príncipes supremos, a obediência aos poderes superiores, a mútua caridade entre todos; todas estas coisas e outras do mesmo teor foram ensinados por Tomás, têm uma robustez grandíssima e invencível, para deitar por terra os princípios do novo direito, que, como todos sabem, são perigosos para a tranqüilidade e a ordem das coisas e para o bem-estar público. Em suma, todas as ciências humanas devem esperar progresso e auxílio desta restauração das ciências filosóficas por Nós proposta. Porque, todas as belas artes deviam tomar da filosofia, como ciência reguladora, o salutar ensinamento e o reto modo e dela também, como de comum fonte de vida, sacar energia.

Uma constante experiência nos demonstra que, quando floresceram mormente as artes liberais, permaneceu incólume a honra e o sábio juízo da filosofia e, quando foram elas descuidadas (as artes liberais) e quase esquecidas, a filosofia se inclinou aos erros e se enredou as inércias. Pelo que as ciências físicas, que são tão apreciadas e causam singular admiração com tantos inventos, não receberão prejuízo algum com a restauração da antiga filosofia, senão que, ao contrário, receberão grande auxílio. Pois a investigação dos fatos e a contemplação da natureza não são por si mesmas suficientes para seu salutar exercício e vantagem; mas, quando os fatos forem estabelecidos, é necessário que nos apliquemos ao estudo da natureza das coisas corpóreas, para investigar as leis que as governam e os princípios dos quais provém sua unidade variável e a atração mútua na diversidade. A tais investigações é maravilhoso o que trariam a força, a luz e o auxílio da filosofia católica, caso ensinada com método adequado.

Acerca disso deve advertir-se também que é grave injúria atribuir à filosofia o ser contrária ao incremento e desenvolvimento das ciências naturais. Pois, quando os escolásticos, seguindo a opinião dos Santos Padres, ensinaram com freqüência a antropologia segundo a qual a inteligência humana somente pelas coisas sensíveis se elevava a conhecer as coisas que careciam de corpo e de matéria, perceberam naturalmente que nada era mais útil ao filósofo que investigar diligentemente os arcanos da natureza e se ocupar de maneira intensa e por muito tempo do estudo das coisas físicas. A confirmação desta conduta reside no fato de que, o próprio Santo Tomás, o bem-aventurado

Alberto Magno e outros príncipes dos escolásticos não se consagraram à contemplação da filosofia, de tal sorte, que não pusessem grande empenho em conhecer as coisas naturais e, muitos ditos e sentenças surgidos neste gênero de coisas, os aprovam os mestres modernos, e confessam estar em total harmonia com a verdade. Ademais, em nossos próprios dias, muitos e insignes Doutores das ciências físicas atestam claramente que, entre as certas e aprovadas conclusões da física mais recente e os princípios filosóficos da Escola, não existe conflito significativo.

Nós, pois, manifestamos que receberemos, com boa vontade e agradecimento, tudo o que se acha dito sabiamente, tudo o que de útil se haja inventado e excogitado; a vós outros, veneráveis irmãos, com grande empenho exortamos que, para defesa e glória da fé católica, pelo bem da sociedade e incremento de todas as ciências, renoveis e propagueis vastamente a áurea sabedoria de Santo Tomás. Dizemos a sabedoria de Santo Tomás, pois, se há alguma coisa tratada pelos escolásticos com demasiada sutileza ou ensinada de maneira inconsiderada; se há algo menos concorde com as doutrinas manifestas das últimas épocas, ou, finalmente, não louvável de qualquer modo, de nenhuma maneira está em nosso ânimo propô-lo para ser imitado em nossa época. Ademais, que procurem os mestres selecionados cuidadosamente por vós, insinuar nos ânimos de seus discípulos a doutrina de Tomás de Aquino e ponham em evidência sua solidez e excelência sobre todas as demais. Que as academias já fundadas por vós ou aquelas que haveis de fundar ilustrem e defendam a mesma doutrina e a usem para refutação dos erros que circulam. Mas para que não se tome a suposta doutrina pela verdadeira, nem a corrompida pela sincera, sede cuidadosos para que a sabedoria de Tomás seja tirada de suas próprias fontes ou, ao menos, daqueles rios que, segundo certa e conhecida opinião de homens sábios, hajam nascido na mesma fonte e correm íntegros e puros; tendo cuidado com os que se dizem haver procedido desta fonte e na realidade cresceram com águas estranhas e não salutares, apartai destes a mente dos jovens.

Sabemos muito bem que nossos propósitos serão de nenhum valor se não nos favorecer, em nossos comuns empreendimentos, Veneráveis irmãos, Aquele que nas divinas letras é chamado: “Deus das ciências”⁴¹ (I Re, 2, 3), nelas também aprendemos “que toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima, descendo do Pai das luzes”⁴². E, ademais,

⁴¹Tit 1, 9.

⁴²Tiago 1, 17.

“se alguém necessita de sabedoria, peça a Deus que dá a todos abundantemente e não se apresse que se lhe dará”⁴³.

Também nisto sigamos o exemplo do Doutor Angélico que nunca se pôs a ler ou a escrever sem antes suplicar a Deus que lhe fosse propício e que confessou, candidamente, que tudo o que sabia não havia adquirido tanto com seu estudo e trabalho, mas sim que o havia recebido por um dom divino. E também mesmo roguemos todos juntamente a Deus, com humilde e unânime súplica, que derrame sobre todos os filhos da Igreja o espírito de ciência e de entendimento e lhes abra os sentidos à compreensão da sabedoria. E, para que possamos receber mais abundantes frutos da divina bondade, interponhamos também diante de Deus o patrocínio, efficacíssimo, da Virgem Maria, que é chamada sede da sabedoria; tomemos por intercessores também o bem-aventurado José, puríssimo esposo da Virgem Maria, e os grandes Apóstolos Pedro e Paulo, que resgataram com a verdade o universo corrompido por um mundo cheio de erros, preenchendo-o com a luz da sabedoria celestial.

Por último, sustentados com a esperança do divino auxílio e confiantes em vossa diligência pastoral, damo-vos, amantíssimamente, a todos vós, Veneráveis irmãos, e a todo o Clero e povo, a cada um dos que vos são confiados, a nossa bênção apostólica, com augúrio de celestiais dons e testemunho de nossa singular benevolência.

Dado em Roma, em São Pedro a 4 de Agosto de 1879. No ano segundo de nosso Pontificado

⁴³Tiago 1, 5.